FOTOCRÔNICA



CARLOS MONTEIRO
FOTOS E TEXTO

Rio tátil

O Rio também se revela pelas mãos. Há uma cidade que se vê da janela do carro, do alto do Corcovado, da moldura de uma fotografia. Outra, mais íntima, só se conhece pelo toque. É preciso chegar perto. Sentir a textura. Deixar que a pele leia aquilo que os olhos, apressados, nem sempre conseguem decifrar.

No Leblon, a praia guarda pequenas memórias calcárias. Conchas espalhadas pela areia, desenhos delicados que o mar esculpiu sem pressa. Apanhá-las é recolher um pedaço do oceano. A superfície lisa, as bordas irregulares, o frio que logo desaparece na palma da mão. Cada concha, uma fotografia em relevo. Cada toque, um segredo trazido pela onda.

Na Floresta da Tijuca, a natureza oferece outras páginas. A casca rugosa de uma árvore centenária. A folha macia de uma samambaia. O musgo úmido sobre a pedra. A floresta tem pele. Respira. A ponta dos dedos encontra sulcos, relevos, pequenas asperezas. É a Mata Atlântica contando sua história sem precisar de palavras.

Mais adiante, no Silvestre, as águas do Rio Carioca correm entre pedras e vegetação. Água que desce, contorna obstáculos, insiste em seguir. Tocá-la é experimentar a temperatura da montanha, sentir o frescor que resiste ao calor da cidade. Um instante de comunhão com essa natureza que ainda pulsa por trás do concreto.

E há a Pedra da Gávea. Imensa, ancestral, desafiadora. Sua rocha guarda a aspereza do tempo, as marcas do vento e da chuva. Diante dela, o homem parece pequeno. Passar a mão pela pedra, quando o caminho permite e com segurança, é quase tocar a idade do mundo. O granito não fala. Mas tem muito a dizer.

No Jardim Botânico, a relva convida a um gesto simples: descalçar os sapatos, quando permitido, e sentir a grama sob os pés. Há uma delicadeza nesse contato. O verde deixa de ser apenas cor. Torna-se frescor, maciez, vida. Entre palmeiras imperiais e árvores que parecem guardar a memória de outros séculos, o chão nos lembra que também somos natureza.

Em Ipanema, a areia escorre entre os dedos. Fina, quente, dourada. Pela manhã, ainda conserva o frescor da noite. À tarde, aquece a sola dos pés. O mar molha os tornozelos e recua, deixando uma película brilhante sobre a pele. É um encontro antigo. O corpo reconhece a praia antes mesmo que a razão consiga explicar o encantamento.

No Aterro do Flamengo, a terra brota entre a relva e os caminhos. Pequenos sinais de um chão que insiste em viver numa cidade de asfalto, automóveis e edifícios. Basta olhar de perto. Há raízes, folhas caídas, grãos de terra que se desprendem sob os dedos. A paisagem urbana também tem matéria. Também tem vida escondida. E há o toque que atravessa os séculos.

A mão imagina o que o respeito recomenda não tocar. Porque tocar também é reconhecer limites. Preservar a concha, a árvore, a pedra, a obra de arte. Entender que nem tudo o que nos encanta precisa ser levado conosco.

O Rio tátil é feito desses encontros. Da areia que foge entre os dedos, da água que não se deixa prender, da casca que resiste, da relva que acolhe, da rocha que permanece. É uma cidade que se oferece aos sentidos e nos ensina a desacelerar. O fotógrafo procura a luz. O cronista, a palavra. Mas há momentos em que ambos precisam abandonar a câmera, fechar o caderno e simplesmente estender a mão. Porque o Rio não é apenas uma paisagem para contemplar. É natureza para sentir. Vida para experimentar. Uma cidade que cabe nos olhos, mas também na palma da mão. E que, quando tocada com delicadeza, deixa um pouco de si na ponta dos nossos dedos.

















